

## **A busca de explicações do saque de Roma por Alarico em 410 d.c.**

*Maria Sonsoles Guerras \**

*Marcus Silva da Cruz \*\**

No dia 24 de agosto de 410 d.c., Alarico, rei dos visigodos, saqueou Roma, a capital do Império, permanecendo nela durante três dias e três noites, roubando e pilhando. Este fato marcou profundamente a história do Império (CHASTAGNOL, 1969; STEIN, 1959; PIGANIOL, 1972).

Foi uma incursão rápida e audaz sem grandes conseqüências estratégicas, mas com desdobramentos psicológicos e espirituais que chegaram ao imaginário de todo o Império. Roma era, na mentalidade dos romanos, uma cidade civil, livre, capital do Império e senhora do mundo.

Estavam muito distantes os dias em que Roma havia sido saqueada pelos galos em 390 a.C. (HEURGON, 1971; TRANOY, 1990). Oito séculos separam a invasão dos galos da de Alarico. Roma, de pequena aldeia do Lácio, havia se convertido em senhora do mundo, havia acumulado glórias e se engrandecido, ainda que houvesse atravessado crises, sempre as havia superado.

O Império vivia, então, os “Theodosiana Tempora”, um momento de exaltação e recuperação do poderio romano com o imperador Teódosio I, o grande, e com seus filhos Arcádio e Honório, que o sucedera nos tronos de Constantinopla e Roma

---

\* Professora do Dept. de História da UFRJ, doutora em história

\*\* Professor do Dept. de História da UFES, doutorando em história medieval na UFRJ

respectivamente. Teodósio havia morrido em 395 d.C., portanto, pouco anos depois, em 410, Alarico invade Roma. O fato, apesar do seu valor real, possui uma importância maior a nível mental.

Nosso estudo tem por objetivo analisar o testemunho de alguns contemporâneos, para percebermos como estes viveram e interpretaram tal acontecimento, isto é, nosso intuito é observar as repercussões do saque de Roma nos romanos daquele momento histórico.

São Jerônimo é o primeiro autor escolhido. Grande personalidade da Igreja e do mundo antigo (BAYET, 1985; JEDIN, 1990; CANDAU, 1990; BONAMENTE, 1988; QUASTEN, 1986), foi historiador, continuando a obra de Eusébio de Cesaréia. Com estes dois estudiosos inicia-se a história eclesiástica como gênero literário. Comentador das Escrituras, exegeta e tradutor da Bíblia para o latim diretamente do hebraico. Destacou-se também na política como secretário do papa Dámaso e mestre espiritual de sua época. Em suma, uma figura polifacética que viveu como monge e como homem de seu tempo plena e simultaneamente.

Selecionamos no seu rico e vasto epistolário três cartas em que faz referência explicitamente ao grave momento da história do Império Romano que estamos analisando. Buscamos rastrear nelas qual é o seu pensamento e sua postura diante do ocorrido. Jerônimo vive em Belém, mas constatamos que está perfeitamente informado do curso dos acontecimentos.

A primeira carta, a de número 60 datada de 398, está dirigida a Heliodoro, monge e bispo, por ocasião da morte de seu sobrinho, que era presbítero. O que mais nos chama a atenção é que, do elogio ao jovem presbítero falecido, Jerônimo passa a fazer uma oração fúnebre ao Império Romano que, se não está morto, encontra-se em agonia.

“Mi alma horroriza de hacer el recuerdo de los desastres de nuestro tiempo. Hace veinte y más años que desde Constantinopla a los Alpes, se derrama diariamente la sangre romana. Escitia, Tracia,

Macedonia, Tesalia, Bardania, Dácia, los Epinos, Dalmacia y todas están devastadas y saqueadas por godos, sármatas, cuados, alanos, hunos, vándalos y marcomanos... El año pasado desde, las rocas del Cáucaso, nos han invadido manadas de lobos, no de Arabia, sino del septentrión que en poco tiempo, han atravesado casi todas las provincias”. (JERÓNIMO, Ep.60,16).

O quadro, desolador em si, encontra na pluma de Jerônimo sua explicação: “El orbe se derrumba y sin embargo nuestra cerviz, muy tiesa, no se dobla... y o me ha propuesto escribir historia sino llorar nuestras miserias.” (JERÓNIMO, Ep. 60,16).

Aqui está para Jerônimo a única explicação para tantos males: a miséria dos homens, o pecado da humanidade; e para todos esses problemas, o autor propõe um remédio: a penitência. Voltemos a leitura de suas palavras: “... a pecados deben los bárbaros su fuerza, por nuestros vicios es vencido el ejército romano... Nos damos cuenta de haber ofendido a Dios y no tratamos de aplacarlo...”, em seguida enumera uma série de exemplos do Antigo Testamento em que a ira de Deus se aplaca com a oração e a penitência:

“Ezequias, dice, hizo penitencia y en una noche por un sol angel fueron aniquilados 185.000 asirios. Josafat contaba las alabanzas de Dios y el Señor vencia. Moisés luchó contra Amalec, no con la espada sino con la oración. Si queremos ser levantados, prosternemonos que vergenza que haya en lo increíble! No cortamos las causas de la enfermedad a fin de esta desaparezca”(JERÓNIMO, Ep.60,17).

As cartas 127 e 128 são do ano de 412 e 413 respectivamente, ou seja, pouquíssimo tempo depois do assalto de Alarico. Na epístola 127, dirigida a Príncipia, virgem que formava parte do



“Círculo do Aventino”, Jerônimo nos transmite seus sentimentos mais profundos de cidadão romano. Diz assim:

“Llega de Occidente una noticia espantosa: Roma estaba cercada y la vida de los ciudadanos se redimía a peso de oro. Despojados, volviam a ser sitiados para perder la hacienda y la vida. La voz se me pega al paladar y los sollozos interrumpem las palabras que dicto. Es tomada la urbe que antes tomara el orbe entero”(JERÔNIMO, Ep. 127,12)

A carta dirigida a Pacátula é, na verdade, para seu pai Gaudêncio, pois a destinatária era nesse momento “... una niña que balbuceaba en brazos de su madre”(JERÔNIMO, 1962:640). O final da epístola é impressionante. Jerônimo era um monge e também um homem de seu tempo, que não escreve abstratamente, que sente profundamente como cidadão a dor do saque de Roma pelos inimigos:

“Ay dolor, dice, el orbe de la tierra se está desmoronando pero no se derruban en nosotros los pecados. La urbe, ínclita y cabeza del Imperio Romano, ha sido consumida con un solo incendio...y sin embargo nos entregamos a la avaricia. Edificamos como si hubieramos de vivir siempre en neste mundo” (JERÔNIMO, Ep. 128,5).

e, prosseguindo na sistemática anterior, busca a causa e o remédio. Igualmente procura exemplos no Antigo Testamento. “Leemos, diz, que el sumo sacerdote Aaron se metió entre las llamas enfurecidas y, con el incensario encendido, contuvo a colera de Dios”(JERÔNIMO, Ep.128,5). O autor continua citando outros casos, fruto de seu profundo conhecimento das Escrituras.

Em suma, observamos que se encontram facilmente em São Jerônimo um forte sentimento de romanidade junto a uma interpre-

tação cristã da história. O autor não pode ficar inerte ante a este quadro de desolação e ruína do Império Romano. Quer buscar as causas, a explicação para aplicar o remédio, que vai encontrar no Antigo Testamento. Quando os homens fazem penitência, a ira de Deus sobre o povo se aplaca. Jerônimo, por isso, através de sua correspondência, conclama aos homens de seu tempo a penitência, quer que todos se lancem a aventura de construir um tempo melhor, um novo Império Romano, não o da Lei das XII Tábuas e sim o do Decálogo do Sinai.

São Jerônimo não é o único a acusar os cristãos como causa dos males do Império. Os pagãos também os consideram culpados. Para estes o abandono dos cultos romanos tradicionais provocou a ira dos deuses protetores da cidade e estes a abandonaram.

Os cristãos também duvidam. Não podem crer no que estão vivendo! Como entender que Deus tenha abandonado a cidade de Pedro e Paulo? Se coloca em questão, para eles, os próprios fundamentos do Império Romano Cristão, iniciando com Constantino e fundamentado ideologicamente na teologia política de Eusébio de Cesaréia.

Santo Agostinho e Paulo Orósio também buscam responder a estas inquietudes.

Santo Agostinho nasceu no Norte da África em 354 d.C.(BAYET, 1985; JEDIN, 1990; BONAMANTE, 1988; HAMMAN, 1989). Em sua obra prima “A Cidade de Deus” responde a estas perguntas e problemas de seus contemporâneos, propondo nela uma concepção de história e de mundo, que se impõe como hegemônica ao longo da Idade Média, fundada na afirmação de Cristo: “Mi reino no es de este mundo”(JOÃO, 18,35).

Não nos deteremos a estudar nem a vida nem a obra de Santo Agostinho, não apenas por sua magnitude, senão também, porque é bem conhecido de todos.

Passemos a Paulo Orósio, de cuja a vida pouco sabemos (OROSIO, 1982; LACROIX, 1965). Foi um presbítero nascido na Hispania que, na época das invasões dos bárbaros na Península Ibérica, refugiou-se no Norte da África, onde se encontrou com

Santo Agostinho. Este estava então escrevendo “A Cidade de Deus” e pediu sua colaboração. Paulo Orósio deveria demonstrar com a história, como Agostinho o estava fazendo com a teologia, que o cristianismo não era a causa das desgraças de Roma. Conforme a idéia do bispo de Hipona, os dois livros deveriam ser lidos paralelamente.

A obra de Paulo Orósio “Os Sete Livros de História contra os Pagãos” é uma verdadeira história universal que começa com a criação do mundo e o primeiro homem e termina no ano 417, ano em que foi redigida.

Teoricamente Paulo Orósio busca sua fundamentação na doutrina dos “Quatro Impérios” ou reinos que se encontra no capítulo segundo do “Livro de Daniel”. Ali se relata o sonho de Nabucodonosor e a interpretação de Daniel. Os quatro materiais de que está formada a estátua e as quatro partes do corpo são os quatro impérios que, na visão hebraica, representam o Império Assírio-Babilônico, o Persa, o de Alexandre Magno e o Império prometido aos judeus que não teria fim (BÍBLIA, 1981:1180). Na obra de Paulo Orósio são: “... en un primer momento el babilónico, después el macedónico, a continuación el africano y, por fin, el romano, que todavía se mantiene gracias a la inefable Providencia de Dios”(OROSIO, II, 1,5).

O “Livro de Daniel” foi escrito no século II a.C., quando os Seleucidas, vindos da Síria, conquistaram a Palestina e estabeleceram uma guarnição em Jerusalém. Chegaram a profanar o Templo, colocando nele uma estátua de Zeus. O propósito desta obra era, portanto de fortalecer a fé e a esperança dos judeus perseguidos, recordando a promessa de Deus de um reino definitivo.

Acreditamos que Paulo Orósio tenha recebido uma grande influência deste livro. As semelhanças entre os dois momentos históricos são mais do que evidentes. Naqueles tempos os judeus dominados por um povo estrangeiro e agora Paulo Orósio observa os bárbaros instalando-se nas antigas províncias do Império Romano. A profanação do Templo de Jerusalém, aos olhos de nosso



autor, possui o mesmo caráter sacrílego que o assalto de Roma por Alarico, um bárbaro pisando a urbe romana.

Também Paulo Orósio quer levantar a moral dos romanos. Quer devolver a fé e a esperança nos destinos do Império, quer responder as angústias e problemas que afligem cristãos e pagãos.

Obedecendo a estes critérios, Paulo Orósio, em sua obra, resume a história da humanidade assim: Roma recolhe a herança dos reinos ou impérios anteriores e unifica todo o poder e todo o mundo nas mãos de um só homem: Augusto. Neste momento nasce Cristo tornando-se cidadão romano. Este é o eixo central em torno do qual Paulo Orósio faz girar toda a história: o momento de Augusto, o século de ouro de Roma e o nascimento de Cristo. Depois a história se reduz a uma progressiva identificação entre Cristo e o Império Romano, que não terá mais fim.

Orósio assim o diz:

“... el Dios que gobierna los cambios de imperios y de épocas ha fundado el Imperio Romano sirviéndose para ello de un pastor, Rómulo, de paupérrima condición. Este Imperio que se mantuvo largo tiempo em manos de reyes y cónsules, tras apoderar-se de Asia, Africa y Europa, cayó en toda su administración en manos de un sólo emperador, poderosísimo y clementísimo. Y durante el reinado de este imperador, al que todos los pueblos honrarían justamente, Dios envió a su proprio Hijo... para que, en medio de aquella gran tranquilidad y de aquella paz, que se extendió ampliamente, corriese sin peligro y rapidamente la gloria de la buena nueva; e, incluso también, para que, al ir sus discípulos por todas partes y repartir los bienes de la salvación, tuviesen, como ciudadanos romanos, que eran, segura libertad para discutir entre ciudadanos”.(OROSIO, VI, 1, 5-8).

Ao tratar do imperador Augusto, o texto de Paulo Orósio afirma:

“En esta época nació Cristo e, inmediatamente después de nacer, fué inscrito en el censo romano. Esta es la primera y más famosa declaración que selló con la realización de esta inscripción, a César como señor universal y los romanos como dueños del mundo individual y colectivamente”. (OROSIO, VI, 22, 6-7).

A idéia de Paulo Orósio é clara e contundente. Pelo fato de Cristo ter nascido “romano”, César Augusto é o senhor universal e os romanos são os donos do mundo. Nada devem temer os habitantes do Império porque é, se isto é verdade, por decreto divino. Foi Deus quem fez que Cristo nascesse “romano”.

Se Paulo Orósio analisa assim os dias de glória de Roma, vejamos agora como aparecem na sua obra os dias dolorosos, como encara os bárbaros, que quadro nos lega do assalto de Alarico: “Los godos, dice acosados por los hunos, fueron recibidos por el empererador Valente sin firmar ningún tratado ni entregar siquiera las armas a los romanos. Por eso se debia haber confiado más en los bárbaros”(OROSIO, VII, 33, 10).

A descrição mais conhecida de Paulo Orósio sobre os bárbaros é esta:

“... los bárbaros, despreciando las armas, se dedicaram a la agricultura y respectaram a los romanos que quedaron allí, poco menos que como aliados y amigos, de forma que, ya entre ellos hay algunos ciudadanos romanos, que prefieren pobreza con libertad entre los bárbaros, que preocupación con los tributos entre los romanos” (OROSIO, VII, 41, 7).



É impressionante a afirmação do autor que assegura que alguns romanos preferem viver entre os bárbaros. O grande impacto da afirmação advém de duas razões: em primeiro lugar porque Paulo Orósio possui um forte sentimento de romanidade, como é possível percebermos ao longo de sua obra e na própria idéia de Roma como eterna, fundamental em seu pensamento.

Em segundo lugar por ser a liberdade uma virtude essencialmente romana, coloca-a na sociedade bárbara. Os germanos para ele não são mais bárbaros e sim cristãos, o que é sinônimo, em sua mentalidade, de romanos, de civilizados.

É com esta ótica que Paulo Orósio nos relata o saque de Roma por Alarico. Recolhemos somente os dois últimos parágrafos porque a descrição completa é longa e cansativa, além do que nestas linhas estão contidas as idéias fundamentais do nosso autor:

“Al tercer día de haber entrado en la ciudad, los bárbaros se marchan espontaneamente no sin antes provocar el incendio de unos cuantos edificios... Y si recordamos el fuego provocado para espectáculo de Nerón, que era emperador de Roma, sin duda alguna no se podrá igualar con ningún tipo de comparación este fuego que ha provocado ahora el vencedor con aquel que provocó el príncipe. Ni tampoco debo recordar ahora a los galos los cuales se apoderaron en el espacio casi de un año de una Roma destruida y hecha de cenizas... Aunque el recuerdo del saqueo de Roma por Alarico es reciente, si alguien ve la población, del pueblo romano u oye sus voces, pensará que no ha pasado nada, como ellos mismos confiesan, si no fuera porque algunas ruínas que quedaran todavía del incendio, son, casualmente, una muestra de aquel”(OROSIO, VII, 39, 15-16; 40, 1-2).

Em suma, podemos afirmar que Paulo Orósio analisou seu tempo, momento das invasões e do assalto de Roma por Alarico, com uma visão global da história de Roma e esta visão tem uma ótica providencialista. O autor captou os planos da Providência: Deus colocou o Império Romano com toda a sua grandeza e esplendor como o caminho inicial do verdadeiro Reino desejado e programado por Ele desde toda a eternidade. Roma é a primeira protagonista e indispensável para a nova era.

Paulo Orósio cristianiza o mito de Roma, devido a ação da Providência, de uma capital assaltada e saqueada por Alarico. Roma ressurge como eterna.

Aos homens, tanto pagãos como cristãos que se questionavam angustiados ante o assalto de Roma, Paulo Orósio apresenta uma resposta: a “Roma aeterna”. A Roma de Romulo e Remo será agora também, e para sempre, a de Pedro e Paulo.

Concluindo, podemos afirmar que, em um momento determinado e frente a um circunstância concreta, encontramos dois homens com posturas diferentes.

O acontecimento é o saque de Roma em 410 por Alarico. Os homens são São Jerônimo e Paulo Orósio. Os dois são eclesiásticos, os dois são romanos cultos. Nenhum deles reside em Roma, mas em Belém e Norte da África respectivamente, o que quer dizer que nenhum teve conhecimento pessoal do acontecimento. A ambos chegaram notícias através de terceiros.

São Jerônimo escreve dirigindo-se aos cristãos. Sua linguagem é a de um monge e asceta: é necessário fazer penitência. Seu referencial é o Antigo Testamento onde vê refletida a ação de Deus que castiga, mas cura as feridas; que envia o maná no deserto, mas exige fidelidade a Lei do Sinai.

Paulo Orósio escreve, fundamentalmente, para os pagãos que não compreendem a linguagem das Escrituras e menos ainda a do ascetismo cristão. O título de sua obra é explícito “Os Sete Livros de História contra os Pagãos”.

A resposta de Paulo Orósio tem seu fundamento em algo que os romanos também entendem: a Providência. Esta palavra se

encontra muitas vezes repetidas: “La Providencia establecio a los romanos...”(OROSIO, V,1,3). “El creador no puede ser enemigo de su obra...”(OROSIO, II, 1,12) ou também de forma mais velada: “Y aunque en virtud de ocultas decisiones...”(OROSIO, II,3,4).

É como o argumento da Providência que justifica a grandeza e perenidade de Roma. Vejamos suas próprias palavras:

“El origen de Babilonia y Roma fué semejante también su poderio, su grandeza, su duración, sus bienes y hasta sus males. Sin embargo, Babilonia perdió su imperio y Roma lo mantiene. Aquélla quedó huérfana con el asesinato de su rey ésta se mantiene firme con la vida de su emperador. Babilonia fué destruida por Ciro en la misma época en que Roma fué liberada por primeira vez de la tirania de los reyes Tarquinius. Babilonia cayó y resucitó Roma”(OROSIO, II, 3, 6-7).

E termina assim: “He considerado oportuno recordar estas coincidencias para que, al quedar en evidencia los secretos de los inefables designios sepan, los murmuran neciamente, que sólo Dios es el que ha dispuesto de los tiempos...”(OROSIO, II, 3, 7-8).

Estes dois autores se dirigem a públicos diferentes e adotaram posturas diferentes para se fazerem entender aos interlocutores. Jerônimo fala numa linguagem própria para atingir a um cristão, com a Escritura com o fundamento. Paulo Orósio foi um hábil retórico romano. Fala-nos de um Deus criador e da Providência, linguagem conhecida pelos romanos e, principalmente através do estoicismo, amplamente difundida. Se o sentido não é o mesmo, o dos romanos e o de Paulo Orósio, a palavra serve para o encontro e o entendimento mútuo. A palavra “Providência” nos conduz ao mesmo fim que Roma foi salva uma vez mais, depois de três dias e três noites sendo saqueada por Alarico.

Uma busca de explicações, dois caminhos e duas aventuras que nos levam a mesma descoberta: a “Roma æterna”.



## **Bibliografia**

- AGUSTIN. 1953. *Obras*. Madrid: BAC. Ed. Lope Cilleruelo. 11v.
- BAYET, J. 1985. *Literatura Latina*. Barcelona: Ariel.
- \_\_\_\_\_. 1981. *Biblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas.
- BONAMANTE, G. e NESTORI, A. 1988. *I Cristiani e l'Impero nel IV secolo*. Macerata: Università.
- CANDAU, J.M. et alli. 1990. *La Conversión de Roma*. Madrid: Clasicas.
- CHASTAGNOL, A. 1969. *Le Bas Empire*. Paris: Armand Colin.
- HAMMAN, A. 1989. *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo: Paulinas.
- HEURGON, J. 1971. *Roma y el Mediterraneo*. Barcelona: Labor.
- JEDIN, H. 1990. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder.
- JERÔNIMO. 1962. *Cartas*. Madrid: BAC. Ed. Daniel Ruiz Bueno. 2v.
- JOÃO. 1991. *Evangelho*. São Paulo: Paulinas.
- LACROIX, B. 1965. *Orose et ses idées*. Montreal: Institut d'études médiévales.
- OROSIO, P. 1982. *Historias*. Madrid: Gredos. Ed. Eustaquio Sanchez Salor. 2v.

PIGANIOL, A. 1972. *L'Empire Chrétien*. Paris: PUF.

QUASTEN, J. *Patrologia*. Madrid: BAC. 3v.

STEIN, E. 1959. *Histoire du Bas Empire*. Paris: Desclée de  
Brouner. 2v.

TRANOY, A e SARTRE, M. 1990. *La Méditerranée Antique*.  
Paris: Armand Colin.